

O olho, o cérebro e o eu: interlocuções entre Merleau-Ponty e as neurociências

Iraquitán de Oliveira Caminha¹

Vitória(ES), vol. 4, n.2
Agosto/Dezembro 2015

SOFIA
Versão eletrônica

¹ Doutor em Filosofia pela Université Catholique de Louvain. Professor-pesquisador do Departamento de Educação Física, do Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Pernambuco/Universidade Federal da Paraíba e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba.

Resumo: Estamos convictos de que se estivesse vivo, Merleau-Ponty estaria relacionando suas investigações filosóficas sobre a percepção aos resultados das pesquisas realizadas pelas neurociências. É por essa razão que propomos analisar possíveis correlações entre os conceitos de olho, cérebro e eu a partir do diálogo entre Merleau-Ponty e as neurociências.

Palavras-chave: Merleau-Ponty; percepção, neurociência.

Abstract: We believe that, if were alive, Merleau-Ponty would relate his philosophical investigations about perception into the results of research conducted by the neurosciences. That is why we propose to analyze possible correlations between the concepts of eye, brain and myself from the dialogue between Merleau-Ponty and the neurosciences.

Keywords: Merleau-Ponty, perception, neuroscience.

O presente escrito é fruto da nossa fala no VI Encontro do GT de Filosofia Francesa Contemporânea, que aconteceu na cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo, na Universidade Federal do Espírito Santo, de 9 a 12 de setembro de 2013, sob a coordenação da professora Thana Mara de Souza.

Estamos convictos de que se Merleau-Ponty estivesse vivo, ele estaria relacionando suas investigações filosóficas sobre a percepção aos resultados das pesquisas realizadas pelas neurociências. É por essa razão que propomos analisar possíveis correlações entre os conceitos de olho, cérebro e eu a partir do diálogo entre Merleau-Ponty e as neurociências.

As explicações da neurologia sobre a experiência de ver consideram que o fundo de cada globo ocular é constituído por milhões de células retinianas capaz de receber os fótons, grãos de energias luminosas, que possibilitam, efetivamente, a experiência de ver por meio das atividades eletroquímicas do cérebro. Tais explicações são usadas como referência de base para as neurociências pensarem a experiência de ver. Nossa intenção não é recorrer a um determinado grupo consagrado de pesquisadores das neurociências e expor suas ideias detalhadamente. Particularmente, nossas reflexões receberam inspirações do texto *O olho e o cérebro* de Philippe Meyer². Ao se deter especificamente sobre o comportamento de olhar do ser humano, esse farmacologista nos proporcionou lançar pontes entre as explicações das neurociências sobre a experiência de ver e as compreensões filosóficas de Merleau-Ponty sobre a experiência de perceber.

Diante de um quadro, por exemplo, os olhos capturam indícios físicos da superfície colorida. Eles transformam radiações luminosas em impulsos elétricos que são transportados até o cérebro, responsável por processar os sinais luminosos e depois convertê-los numa representação interna do quadro. Nesse sentido, é possível compreender o comportamento de

² MEYER, Philippe. *O olho e o cérebro: biofilosofia da percepção visual*. São Paulo: Editora UNESP, 2002

ver por meio de uma leitura mecânica, que se apoia no conhecimento físico-químico da matéria do cérebro.

Identificamos, no contexto do diálogo entre Merleau-Ponty e neurociências, dois pontos de vista bem diferenciados: o corpo compreendido como “corpo próprio” e outro concebido do ponto de vista mecânico. Logo, a experiência de ver pode ser considerada por meio de uma atividade mecânica, mas também intencional. Recordamos, nesse momento, de Bavcar, um fotógrafo cego que, no documentário *Janela da alma*³, diz que havia perdido a capacidade de ver mas não a de olhar. Mesmo que Bavcar não pudesse mais ver alguma coisa em razão da perda de sua visão por meio de um acidente, ele continuou olhando o mundo enquanto corpo que se lança intencionalmente em direção a alguma coisa. “Antes de concebermos o mundo visível como aquilo que, efetivamente, aparece visível em nosso campo perceptivo, é preciso levar em consideração o corpo que se lança no mundo com seus movimentos de se pôr a olhar”⁴.

O olhar, considerado como ato de se dirigir a alguma coisa, implica uma atividade intencional ou consciente. Mas para as neurociências, o cérebro exerce o controle não somente sobre as atividades viscerais do corpo, mas também sobre as funções consideradas nobres como a consciência. Logo, não há atividade consciente fora do cérebro. Por meio das descobertas das topografias funcionais do cérebro foram criadas teorias das localizações cerebrais para explicar os diferentes comportamentos humanos, inclusive os regidos por atos conscientes.

A definição das topografias funcionais por meio de mapas neuronais não usa apenas conhecimentos de anatomia e fisiologia. Mas também o uso dos estudos patológicos. A execução de movimentos complexos dos dedos aumenta o fluxo sanguíneo da zona motora do cérebro. Há uma ativação neuronal em função desses movimentos. Caso ocorra alguma interrupção por meio de tumores ou acidentes cerebrais, tais movimentos serão comprometidos. Do mesmo modo é possível provar a existência de atividades cerebrais associadas à memória e ao pensamento por meio de quadros patológicos identificados por meio de exames através de imagem. Os exames cerebrais por imagem fornecem os

³ Este documentário foi dirigido por João Jardim e Walter Carvalho. Ele mostra os depoimentos de dezenove pessoas que têm problemas de visão que vão da miopia à cegueira. Entre os depoimentos, destacamos o de Bavcar.

⁴ CAMINHA, Iraquitana de Oliveira e DE HOLANDA, Maria de Fátima Duarte. "Corpo, Filosofia e Pessoas com deficiência" In: HENNING, Leoni Maria Padilha. *Pesquisa, ensino e extensão no campo filosófico-educacional*. Londrina: EDUEL, 2010.

argumentos mais convincentes da materialidade do pensamento e da memória. A função cognitiva é realizada por circuitos associativos do cérebro.

Podemos concluir que as neurociências ampliam as explicações da anatomia e da fisiologia da visão, apontando para a necessidade de uma atividade cognitiva do cérebro capaz de diferenciar sensação e julgamento mental, possibilitando problematizar a formação de uma estrutura do eu, que se identifica às atividades cerebrais.

Há uma tradição espiritualista na filosofia que considera a experiência de ver como atividade espiritual. Descartes⁵, que é um dos grandes interlocutores de Merleau-Ponty, defende a tese de que ver é uma atividade intelectual. Essa posição é fortemente questionada por Merleau-Ponty no *Olho e o Espírito*⁶.

Merleau-Ponty⁷ atribui, do ponto de vista da motricidade do corpo próprio, um papel significativo ao olhar na realização da experiência de ver. A motricidade, que é responsável pela experiência de um campo perceptivo dinâmico, possibilita a realização do ato de ver como um ato consciente, que não se reduz a uma ação puramente reflexiva do pensamento. A consciência é concebida como potência motora que se projeta em direção a algo. Nesse sentido, Merleau-Ponty encontra um caminho para pensar a consciência como uma atividade encarnada no corpo.

Para a perspectiva das neurociências, o cérebro não somente conduz uma ação, mas também tem o poder de representação e capacidade mnêmica, considerando que o pensamento e a memória não são de natureza puramente espiritual, mas material. Tal perspectiva identifica a alma e o espírito às atividades cerebrais. No lugar de conceber a alma e o espírito como conceitos metafísicos de caráter substancialista, eles foram transformados em atividades neuroquímicas do cérebro pelas neurociências.

Não podemos deixar de reconhecer os conhecimentos das neurociências que mostram que para poder ver é preciso contar com milhões de células retinianas no fundo de cada globo ocular. É necessário também que essas células recebam os fótons para poder realizar a experiência de ver. Sem um corpo com retina e atividade cerebral, bem como um ambiente luminoso, não podemos dizer que podemos realizar efetivamente a experiência ver. Todavia, as necessidades fisiológicas e ambientais não podem eliminar o problema do sujeito que ver.

⁵ DESCARTES R. "Méditations" In: *Œuvres complètes*, coll. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1996.

⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice. *L'Oeil et l'Esprit*. Paris: Gallimard, 1964.

⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard, 1992

É desse problema que Merleau-Ponty se ocupa quando examina a experiência do olhar intencional por meio da motricidade do corpo.

Ver não é, para Merleau-Ponty, apenas uma reação motora aos estímulos do ambiente. É bem verdade que toda experiência de ver é sempre de alguma coisa. Todavia, só posso dizer que vejo aquele vermelho da maçã que está sobre minha mesa porque sou afetado por essa cor. Todavia, essa cor só se define como uma determinada cor identificável por meio de uma série aberta de experiências possíveis operadas por um corpo que se faz sujeito no mundo. Nesse sentido, aquele que percebe é antes de tudo um ser de potência ou de possibilidades. Nasce aqui uma questão que é da ordem do uso intencional do olho, problema típico da percepção de um eu.

Se fossemos máquinas que registram e decodificam informações visuais, não precisaríamos colocar o problema do sujeito da visão. Mas o que é esse sujeito do ato de ver? Seria um cérebro enquanto sistema nervoso que analisa as afecções visíveis do mundo?

Meyer⁸ não considera que o cérebro faça apenas registrar passivamente as mudanças de natureza física que afetam os olhos. O cérebro desempenha um papel criativo capaz de instituir um universo colorido a partir das sensações recebidas pela visão. É por meio da tríade: luminosidade, receptor periférico e analisador cerebral que é possível falar em experiência de ver. Desses três elementos o sistema nervoso tem um papel central na medida em que ele é responsável pela geração dos matizes de cores em função das variações ambientais. Ele confere identidade a uma cor que aparece em variadas manifestações: ao amanhecer, ao meio dia ou ao anoitecer. Todavia, é preciso compreender como se processa as operações cerebrais que determinam uma escolha subjetiva conferida aos fenômenos físicos que aparecem de forma tão versátil.

O papel ativo do córtex exige um ato de juízo e não apenas de sensação. O cérebro não apenas deduz a tonalidade colorida das sensações, mas também de um modelo interno de representações de cores.

Merleau-Ponty não concebe a experiência subjetiva do sentir como se fossemos uma substância espiritual ou material que usa o corpo como instrumento para realizar a experiência de ver. O sujeito da percepção se constitui por meio da própria experiência corporal de ver. É o próprio corpo por meio de atos intencionais que se faz sujeito vidente. Mas como se dá esse processo do corpo tornar-se sujeito?

⁸ MEYER, Philippe. *O olho e o cérebro: biofilosofia da percepção visual*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

A experiência de ver não significa afastar-se da impressão sensível e transformá-la em memória ou pensamento. O olho não é só instrumento da excitação corporal, que permite um sujeito de natureza espiritual ou material afirmar que tem a capacidade de ver. O olho não é objeto, mas sujeito do ato de ver. Todavia, para estabelecer argumentos que sustentem tal afirmação é preciso admitir que o corpo, enquanto vivido, seja o sujeito originário do ato de ver.

Sentir a cor vermelha não pode ser apenas um ato consciente, identificado como uma experiência interior, que seria fruto de uma inspeção do espírito ou de uma operação cognitiva do cérebro. Decifrar os enigmas dos mecanismos da visão, seguindo os passos de Descartes ou dos fisiologistas, exige um tratamento do problema da experiência de ver do ponto de vista do sujeito que olha.

Merleau-Ponty compreende que o corpo é o sujeito da experiência perceptiva porque ele parte do princípio de que ele realiza atos intencionais. O filósofo admite que o próprio corpo seja capaz de vivenciar experiências intencionais. A intencionalidade não é apenas atributo de um Eu transcendental, mas do corpo que se dirige para o mundo para vivenciar a experiência de sentir. Logo, uma cor não se reduz a uma qualidade identificável do mundo, mas uma existência intencional que não repousa em si mesma. Ela é sempre visada e significada por um sujeito que a percebe. Esse sujeito é originalmente familiar à cor percebida. Há uma comunhão entre o corpo e a cor que define um modo de ser. É por essa razão que sentir é uma atividade intencional do corpo, mas também do mundo. Visto por esse ângulo, a própria cor é para Merleau-Ponty intencional. Isso não significa dizer que estamos conferindo a cor o status de subjetividade.

É evidente que é o corpo humano, que é submetido a um modo de ser no mundo em razão das condições orgânicas da vida, também constrói outros modos de ser no mundo por meio de atos intencionais que atribuem sentido à própria vida. Um ramalhete de flores do campo num vaso não teria a peculiaridade de ser uma bela manifestação sensível sem um sujeito que o perceber-se com tamanha beleza. Todavia, é possível reconhecer que um ramalhete de flores tem um poder de nos encantar pelo esplendor de suas manifestações sensíveis. É claro que esse poder de encantamento não provém isoladamente dele. Tal encantamento é fruto do encontro de meu corpo que se dirige para ver e um ramalhete que se mostra ou se faz presente no mundo.

Para Merleau-Ponty, aquele que sente e o sensível formam um par sem que um esteja diante do outro como dois termos exteriores. As cores não são apenas fótons invasores que atingem minha retina, mas fenômenos que me seduzem, que provocam meu olhar. Nesse

sentido, a cor já está subtendida no meu olhar. Antes de efetivamente se ver uma cor, nosso corpo já é um corpo que lança seu olhar para ver uma cor. É o olhar que dá sustentação subjetiva ao ato de ver. O olhar é um modo de se dirigir para o mundo. Em outras palavras, meus olhares são diferentes modos de se usar a visão.

A fisiologia pode explicar o funcionamento do olho na experiência de ver, mas não consegue encontrar argumentos para compreender a experiência do olhar por caminhos puramente fisiologistas. Sem a exploração de meu corpo que se acopla ao sensível, toda manifestação sensível seria uma solicitação vaga ao meu olhar. Todavia, só a atitude do olhar não é suficiente para se ver uma cor. É sempre do encontro de meu olhar e da cor que nasce a experiência de sentir.

Meu corpo, que se dirige para olhar as cores vibrantes de uma fruteira cheia de frutas multicoloridas posta na minha mesa, não é um sujeito acósmico que possui a capacidade de um pensamento de ver ou as elaborações mecânicas de um processo fisiológico. Não são as ideias de verde, amarelo, azul e branco que vejo efetivamente no campo perceptivo. Também não são as sensações de cores desprovidas de atos intencionais que contemplo com meus olhos. Meu corpo se entrega ao apelo dessas cores que despertam o meu olhar. Elas se fazem em mim e eu me faço nelas. Sem dúvida não estamos nos referindo às cores do físico ou do químico. Seguramente, estamos falando das cores percebidas, sentidas num campo de presença pelo ato de olhar. O que está em evidência é a compreensão de que as cores das frutas estão subtendidas pelo meu olhar que percorre e habita o tecido pigmentado que vibra nos meus olhos.

O sujeito que vê não é reduzido a um sujeito empírico submetido às leis causais da natureza. Ele também não é uma mera consciência constituída desprovida do peso mundano. Ele é um ser sensível que se lança para ver o mundo tal como ele se manifesta para o corpo. Logo, meu corpo já sentiu o mundo antes mesmo que eu me desse conta dessa experiência. É por essa razão que Merleau-Ponty afirma que toda sensação comporta um germe originário de despersonalização. Antes de meu corpo assumir uma postura personalizada de vida, seu nascimento e sua morte são despersonalizados. O nascimento e a morte não podem aparecer para mim mesmo como sendo minhas. O nascimento e a morte são horizontes pré-pessoais. A natalidade e a mortalidade são anônimas. Logo, podemos saber que se nasce e se morre sem, portanto, conhecer o próprio nascimento e a própria morte.

A subjetividade, para Merleau-Ponty, não preexiste nem sobrevive ao corpo. É no corpo e pelo corpo que ela se estabelece. O sujeito da percepção se torna sujeito na experiência de sentir. Esse sujeito é originalmente um eu natural que não se constitui ainda num eu pessoal

capaz de se responsabilizar pelos seus atos. Estamos falando de um eu que já tomou partido pelo mundo em função de sua condição existencial de ser laçado nele. Estamos falando de um corpo sujeito, que se constitui originalmente como abertura para o mundo. Merleau-Ponty recorre à noção de um “saber originário” que acaba impedindo nossa experiência de ser clara para si mesma. O corpo sente, por meio de mim, sem que eu seja o verdadeiro autor dessa experiência de sentir isolado de um contexto sensível.

Por meio desse sujeito originário, que é o corpo, nasce um sujeito que o transcende, mas sempre no corpo e pelo corpo. Nessa perspectiva, podemos recorrer à compreensão de que aquele que vê um objeto qualquer sente que ainda existe ser para além daquilo que ele vê atualmente. O sujeito percebe sempre num campo. Ele é sempre ser relacional. Seja no primeiro momento, de natureza pré-pessoal, ou num segundo momento, de natureza pessoal, o sujeito é sempre dirigir-se para. A experiência de sentir nasce antes mesmo de se ter consciência de que se sente alguma coisa do ponto de vista representacional.

A consciência não é, originalmente, uma estrutura formal universal que constitui ou configura o mundo. Ela é contato primordial com o mundo em que está situada. Originalmente, o sentir é uma experiência de se abrir para um campo, que impede considerar aquilo que sentimos como algo disposto diante de mim. Antes de se ter uma sensação pontual, o sujeito da experiência de sentir tem um horizonte.

Merleau-Ponty deseja alcançar uma compreensão do sujeito do sentir pelo caminho da experiência de sentir vivida pelo corpo. Ele não concebe esse sujeito como um Eu no sentido de uma subjetividade absoluta. Estamos falando de um eu finito que se comunica com um mundo, que não é totalmente exposto diante dele. O mundo é considerado como uma totalidade aberta cuja síntese não pode ser acabada. O sujeito enquanto corpo que sente é um modo de se dirigir para o mundo enquanto unidade aberta.

O horizonte para se compreender o mundo sentido e o sujeito que sente é sempre a experiência. É pela experiência de sentir que Merleau-Ponty se propõe a considerar o objeto e a subjetividade em estado nascente. Nossa experiência efetiva nos dá acesso ao mundo em que estamos lançados e não a um mundo constituído. É por essa razão que Merleau-Ponty admite a pluralidade de sentidos. O sentir não é uma experiência universal objetiva.

Merleau-Ponty⁹ diz que “a visão não é nada sem um certo uso do olhar”. Tal uso não é a simples operação mecânica de funções orgânicas em terceira pessoa. Ela também não é a atividade de constituição de um sujeito absolutamente transcendental. Não há sensação pura,

⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice. *L'Oeil et l'Esprit*. Paris: Gallimard, 1964.

fruto da vibração recebida de um mundo exterior “em si” ou constituído por um sujeito “para si”. O sensível é sempre o que apreendemos com os sentidos. Esse “com” não é meramente instrumental.

Merleau-Ponty identifica uma reciprocidade entre a motricidade do corpo e o comportamento de olhar para ver. Tal reciprocidade não é marcada por um hábito que se repete automaticamente, mas pela criatividade de condutas motoras que se definem como a expressividade de modos de ser no mundo. Ver não é apenas uma ação vital mecânica, mas, fundamentalmente, uma ação vital expressiva.

O olhar é um modo de se dirigir para o mundo, que define as condições existenciais de um eu que realiza o ato de ver. O olhar é uma realização do corpo próprio que exige uma atividade intencional ou subjetiva que produz sentidos para existir.

Nesse momento, gostaria de fazer uma provocação. Imagino-me no lugar do jovem paraplégico por dano neuronal, que estaria usando uma prótese neural e que dará o pontapé inicial para começar a copa do mundo em junho de 2014, na solenidade de abertura desse grande evento esportivo, que acontecerá no Brasil. Eu iria combinar com Miguel Nicolelis, médico e neurocientista brasileiro que pesquisa sobre as interfaces cérebro-máquina, para que antes de chutar a bola, iria fazer uma breve fala para as pessoas que estariam assistindo aquele evento. Na ocasião, eu diria: gostaria de agradecer a todos que fazem parte da equipe de Miguel Nicolelis pela oportunidade que me deram de recuperar meus movimentos que havia perdido num acidente, possibilitando-me chutar essa bola. Todavia, a minha reabilitação motora, por meio do “projeto andar de novo”, não me reduziu a uma máquina, pois irei chutar a bola não porque a equipe de Nicolelis me programou para chutar a bola por meio de sinais cerebrais transmitidos para a prótese neural. Irei chutar a bola porque eu desejo chutá-la. Caso contrário, não a chutaria, apesar de agora poder chutá-la. Poderia frustrar todos os presentes dizendo que não iria mais chutar a bola. Apesar de usar uma roupa robótica, ou seja, um exoesqueleto, que transforma sinais cerebrais em movimentos, não sou um robô reduzido a um produto da neuroengenharia. Ainda continuo humano apesar de ser modificado pela biotecnologia. O que me faz humano não é apenas ter um corpo que realiza movimentos mecânicos, mas, sobretudo, ser um corpo que é capaz de se movimentar de forma expressiva revelando gestos criativos. Andar de novo não significa para mim uma mera repetição do que já fazia antes, mas abertura para criar um novo sentido para minha existência. O chute não é apenas o resultado mecânico de uma destreza motora, mas coreografia da vida realizada como expressividade livre.

No humano, a experiência de chutar não é apenas um comportamento que responde mecanicamente ao um estímulo externo. Chutar é um ato intencional na medida em que atribuímos certos significados ao chute. O comportamento de chutar não é apenas governado por leis físico-orgânicas, mas é a expressão de propósitos e desejos. Merleau-Ponty diz que os atos humanos não repetem apenas o “*a priori* da espécie”¹⁰. Nossas ações não são meras repetições orgânicas, mas, sobretudo, elaborações simbólicas.

Apesar dos conhecimentos das neurociências sobre o cérebro como agente biológico das atividades psíquicas servirem para fortalecer as elaborações filosóficas de Merleau-Ponty com relação à compreensão de que a consciência é encarnada no corpo, pensamos que é necessário discutir a postura reducionista de certas perspectivas neurocientíficas que definem os atos subjetivos como meros comportamentos mecânicos resultantes de performances fisiológicas. Consideramos que essa discussão pode ser feita a partir de um diálogo entre Merleau-Ponty e as neurociências.

REFERÊNCIAS

- CAMINHA, Iraquitan de Oliveira e DE HOLANDA, Maria de Fátima Duarte. "Corpo, Filosofia e Pessoas com deficiência" In: HENNING, Leoni Maria Padilha. *Pesquisa, ensino e extensão no campo filosófico-educacional*. Londrina: EDUEL, 2010.
- DESCARTES R. "Méditations" In: *Œuvres complètes*, coll. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1996.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *L'Oeil et l'Esprit*. Paris: Gallimard, 1964.
- _____. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard, 1992
- _____. *La structure du comportement*. Paris: PUF, 1990.
- MEYER, Philippe. *O olho e o cérebro: biofilosofia da percepção visual*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

¹⁰ MERLEAU-PONTY. *La structure du comportement*. Paris: PUF, 1990.